
Em busca do mesmo mutante: um modelo metodológico para apreender africanismos em produções midiáticas¹

Deivison Moacir Cezar de Campos²
Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, RS

RESUMO

O presente artigo apresenta um modelo metodológico desenvolvido nos últimos anos para apreender rastros de africanismos. Trata-se de uma proposição desenvolvida a partir de uma epistemologia afro-brasileira. O método tem como articulador o duplo que faz emergir, a partir da abdução, rastros de africanismos. A partir desses rastros, é possível observar como narrativas de resistência e de identidade estão presentes em algumas obras produzidas a partir das culturas afro-diaspóricas. Como hipótese, propõe-se que a imprevisibilidade dos processos de circulação tem sido apropriada pelas culturas negras como estratégia de uso dos meios.

PALAVRAS-CHAVE: Epistemologia afro; método; leitura insolente; rastros de africanismos; circulação.

A insolência como permanência e resistência ao encontro

A impossibilidade de manter heranças estáveis, em meio ao contexto escravagista, levou à criação de “algo imprevisível” (Glissant, 2005, p.20), em termos culturais, unicamente a partir da memória, gerando um sistema de pensamento que se opõe a falsa universalidade moderna. Através da resistência às relações racialmente hierarquizadas e ao desequilíbrio cultural, foram produzidas estratégias para refazer um equilíbrio possível através da revalorização dos rastros africanos.

Essa resposta ao violento encontro cultural e a deslocalização significou a “persistência de uma forma de relacionamento com o real, mas reposta na história e, portanto, reformulados e transformados em relação ao ser posto na ordem mítica original” (Sodré, 1983, p.122). O permanente diálogo com essa tradição em movimento, como mediadora do presente, conferiu características contramodernas (Gilroy, 2001) às culturas negras diaspóricas.

Ao contrário da estabilidade do lugar e da nação, referenciais descontínuos e em movimento para dar sentido e relacionar manifestações locais com suas origens africanas, demonstrando uma continuidade nos fenômenos contemporâneos a partir do passado “que os moldou, mas que eles não mais reconhecem e a eles ligeiramente se parecem” (Gilroy,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor efetivo do PPG em Comunicação Social da Pucrs, email: deivison.campos@pucrs.br

2001, p.358). A reconfiguração das culturas negras na diáspora produziu assim uma matriz cultural com uma característica de “mesmo mutante” em que

o mesmo é retido sem precisar ser reificado. Ele é permanentemente reprocessado. Ele é mantido e modificado naquilo que se torna decididamente uma tradição não tradicional, pois não se trata de uma tradição como uma repetição fechada ou simples. Sempre promíscua, a diáspora e a política de comemoração definida por ela nos desafiam a apreender formas mutáveis que podem redefinir a ideia de cultura através de uma reconciliação com o movimento com a variação complexa e dinâmica (Gilroy, 2007, p.159).

Esse elemento em comum, que gera reconhecimentos nas diferentes culturas negras locais, fortaleceu uma consciência transcultural e os diálogos transnacionais, fomentando a premissa de que as culturas transgridem os limites políticos do nacional. A noção de cultura viajante (Gilroy, 2001) também possibilitou “em todo lugar, subverter e traduzir, negociar e fazer com que se assimile o assalto cultura global às culturas mais fracas” (p.45). Neste movimento, os centros de atração são fenômenos locais que apresentam como principais características essa tradição não tradicional, a flexibilidade e a dualidade (Gilroy, 2001).

A característica de flexibilidade refere-se a essa condição desterritorializada e não dogmática das culturas negras da diáspora. Como não estão relacionadas diretamente a uma cultura específica e por serem resultados do encontro, puderam se adequar as características do local em que foram reterritorializadas. Com isso, todas as culturas negras são diferentes. Ao mesmo tempo mantém o elemento em comum, o mesmo mutante. Essa característica possibilita, além da adequação espacial, uma adequação temporal sem com isso perder a sua condição, sendo permanente presentificada sem prejuízos a sua condição de tradição e, com isso, reforçando sua característica de não tradicional.

Essa tensão temporal especial, bem como princípios tradicionais presentificados, mantém a dualidade como uma permanência cultural. O duplo aparece na cosmogonia da diáspora negra até constituição identitária, mantendo a relação, através da memória de rastro com esse passado mítico. A relação entre o mesmo e o mutante e, por outro lado, a tensão entre ser e pertencer – dupla consciência (Dubois, 1996). Essas características são inerentes às culturas negras ressignificadas na diáspora e, portanto, anteriores a qualquer produto cultural e, ao mesmo tempo, presentes em qualquer produto produzido a partir desta cultura. A insolência, desta forma, pode ser apreendida nestes acentos de mesmo

mutante que são anteriores à produção, mas que estão presentes na produção, como rastros de africanismos.

O duplo cultural como articulador da insolência

As mídias sonoras, audiovisuais e digitais produziram um lugar igualmente em fluxo para as culturas negras em movimento, dinamizando na circulação o processo de presentificação da tradição. O processo de midiatização dessas produções não provocou a perda de sua característica contra-moderna (Gilroy, 2001). Nesse contexto tecnológico, sobrepôs a desterritorialização do afro ao contexto de midiatização da sociedade, considerado o “processo interacional de referência” (Braga, 2010) na contemporaneidade. Essas mantêm as marcas do rompimento e, ao mesmo tempo do encontro, do processo escravista.

As culturas negras foram recombinações das mais diferentes formas a partir das mais diferentes culturas africanas, indígenas e europeias, produzindo culturas creoulizadas com acentos locais, mas com uma matriz em comum. É a dualidade flagrada por Du Bois (1996/1903) na perspectiva identitária, a qual denominou dupla consciência. Hall (1996) também entende a identidade como a relação entre dois estados, ser e devir, constituintes do indivíduo negro na diáspora. As duas proposições apontam para a tensão entre uma matriz afro em movimento, o mesmo mutante, e as características do local de recombinação.

Essa dualidade mantém-se, portanto, como rastro de africanismos e uma matriz cultural na diáspora. Como rastro, guarda elementos de cosmogonias africanas que entendem, de maneira geral, uma continuidade entre o mundo dos vivos e dos mortos; um tempo que contempla a experiência (vivos) e a tradição (mortos) (Castiniano, 2010); a relação homem (vivos e mortos) e o sagrado, que se realiza pelo culto e incorporação (Angras, 2008); e a relação entre ritmo e força vital (axé) (Mukuna, 2005), reconfigurados no processo de presentificação da tradição.

A permanência do *duplo* pode ser observada em práticas culturais, como, por exemplo, o sistema de chamado e resposta da tradição oral e musical de matriz afro. O samba urbano por exemplo surge no encontro do maxixe com o batuque do lundu. Também a figura do malandro, que povoa o imaginário brasileiro, constrói-se nesta perspectiva, pois é aquele que se mostra o que não é. Para isso, se veste de branco. No que se refere ao sagrado, quando alguém é iniciado em uma das religiões de matriz afro,

passa também a ser reconhecido pelo Orixá para o qual foi consagrado, ressurgiu de um ritual como síntese.

Essa característica de *duplo* também tem sido utilizada criativamente na manutenção das culturas afros, ludibriando o processo de assimilação cultural. A relação com o sagrado, por exemplo, mesmo ressignificado com a travessia, sobreviveu pelo duplo. Se antes seguia ritos familiares e locais, enfatizou o oculto a divindades comunitárias, reorganizadas num panteão complexo. Esse foi sincretizado com os santos católicos a fim de que o culto pudesse ser mantido. Da mesma forma, os batuques sagrados e profanos mantiveram-se indistintos até o final do século XIX.

A característica também pode ser observada no uso da língua, como a criação de dialetos étnicos, como o Black English dos negros dos EUA e as línguas creole de base inglesa e francesa espalhadas pelo mundo. Moura (1994, p.216) identificou a manifestação dessa dualidade no uso da língua nas relações sociais entre negros e brancos em São Paulo, denominando esse comportamento como ambiguidade. “Verbalização oposta ao pensamento. Ironia disfarçada em elogio”.

Essa ambiguidade tem relação direta com a impossibilidade de Comunicação durante o período escravista e vai construir estratégias linguísticas que podem ser observadas na produção literária de negros e mestiços, como Machado de Assis e Lima Barreto, para citar dois exemplos, ou artística no barroco de Aleijadinho. Segue presente na cultura, com a constituição de um movimento cultural, como o *manguebeat* - no qual se escutam os tambores tocados de maneira tradicional e religiosa, junto com o que se tem de mais moderno em tecnologia de som.

Essas relações demonstram via de regra a permanência de um *duplo* indissociável que emerge como rastro, relacionado a essa tradição não tradicional, ou em seu contexto produtivo, ou temático. Essa experiência *diádica* ocorre com a fruição destes produtos que, ligados à memória cultural, produz pertencimento, a experiência estética (Braga, 2010). Em alguns produtos, esta se mostra pela ruptura, reelaboração permanente e, principalmente, pela circularidade. Esse rastro de africanismo contém o movimento característico da cultura e emerge e varia de acordo com o objeto observado, referenciado na memória cultural, inscrita nas produções, ou no corpo – que se mostra a partir da performance. Neste contexto, entende-se a insolência como

estratégias de desvio, com características diádicas, intrínsecas às tradições afro-diaspóricas, com potência antirracista frente a discursos e práticas sociais que estabelecem barreiras físicas ou simbólicas às populações negras no que

se refere a cidadania e direitos humanos, que emergem das produções culturais e midiáticas, possibilitando experiências de denúncia, ironia, ou confronto propriamente dito a essas posturas.

Para o desvelamento dessas estratégias, considerando serem anteriores e intrínsecos aos produtos, torna-se necessário um modelo heurístico, baseado na noção de duplo, para desvelamento da permanência e da resistência em potência das produções. Como referido, essa noção baseia-se nos rastros de africanismos mantidos na cultura afro-atlântico. O acesso ao *duplo* contido na obra se dá através de uma primeira aproximação abdução. Os duplos indissociáveis que emergem desta ação possibilitam o apontamento dos rastros identitários, que surgem deste intervalo entre duplo, e a construção de uma tática de análise com perspectiva antirracista.

A roda como dispositivo afro

A roda é a primeira tentativa de reconstituição de um território afro em diáspora (Campos, 2014). Colocados num contexto de desterritorialização e dissociação simbólica, tornou-se estratégia de reivindicação de uma territorialidade, mesmo que transitória, considerando ser esse um dos demarcadores de identidade. A circularidade, formada pelos corpos, produz uma relação de horizontalidade e uma outra possibilidade de alteridade. Também é o lugar de troca de força vital, o axé.

A roda é dinamizada por um ato comunicacional que envolve música, gesto e dança que constitui um *ethos* que “incorpora e privilegia a musicalidade e tudo o que ela permite de extravasamento emocional e utilização do corpo de modo comunicativo e sensual” (Amaral; Silva, 2006, p. 190). A roda produz um aqui-agora complexo. A afetação do espaço geográfico se dá pelo fato de constituir um território simbólico transicional. Com o atravessamento da afetação temporal, sobrepondo memória [ancestral/sasa], tradição [imemorial/zamani] e a presentificação [agora/odu] (Castiniano, 2010).

Assim como nas manifestações tradicionais, sagradas e profanas, a roda segue presente nas manifestações contemporâneas, como o rap e os *slams*. Locus de reorganização das memórias dos africanos escravizados, a roda segue como lugar de presentificação da tradição e emergência do mesmo mutante nas culturas afro. Da mesma forma é lugar de consumo e reprodução desses mesmos rastros para os quais é necessário dominar a gramática de reconhecimento (Fausto Neto, 2018).

Nesta configuração, a roda, enquanto sistema de relações, é o dispositivo do afro em diáspora. Conforme Braga (), o dispositivo se caracteriza por apresentar códigos compartilhados e possibilitar o desenvolvimento de inferências. Na roda, os códigos compartilhados são os rastros de africanismos, tradição, memória e ancestralidade. O desenvolvimento de inferência é o processo de presentificação, oriundos da afetação espaço-tempo da roda e da experiência de atores coletivos.

Esses rastros presentificados são os que estão inseridos nas produções midiáticas possíveis de análise. Neste sentido, reforça-se a proposição que acoplagem da circularidade afro com a circulação midiática tem produzido formas alternativas de territorialização, que constituem territórios do afro, elemento de identidade impossibilitado e regulado desde a fissura inaugural da diáspora. Desta forma, propõe-se como hipótese que a imprevisibilidade dos processos de circulação tem sido apropriada pelas culturas negras como estratégia de uso dos meios. Com isso, a discussão sobre racismo/antirracismo tem ganho visibilidade na circulação midiática na perspectiva negra.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Rita; SILVA, Vagner Gonçalves da. Foi conta para todo canto: as religiões afrobrasileiras nas letras do repertório musical popular brasileiro. **Revista Afro-Asia**, nº 34, 2006. p. 189-235.
- Angras, Monique. **O duplo e a metamorfose**. A identidade mítica em comunidades nagô. 2 ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008.
- Braga, José Luís. *Experiência estética & mediatização*. II Simpósio Internacional de Comunicação e Experiência Estética. UFMG, inédito. In: LEAL, Bruno Souza; MENDONÇA, Carlos Camargo; Guimarães, César. **Entre o sensível e o comunicacional**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- Campos, Deivison Moacir Cezar. **Do disco à Roda**. A construção do pertencimento afro-brasileiro pela experiência na festa Negra Noite. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Unisinos, São Leopoldo, 2014.
- Castiniano, José P. **Referenciais da Filosofia Africana**: em busca da intersubjetivação. Maputo: Editora Ndjira, 2010.
- Du Bois, W.E. Burghardt. **A alma do povo negro**: ensaios e esboços. Scharlottesville, Virgínia: University of virginia Library Center, [1903] 1996.
- Fausto Neto, Antônio. Circulação: trajetos conceituais. **Rizoma**. Santa Cruz do Sul. V.6, n.2. Dez. 2018.

Gilroy, Paul. **Entrecampos**. Nações, culturas e o fascínio da raça. São Paulo: Anablumme, 2007.

Gilroy, Paul. **O Atlântico Negro**. Modernidade e dupla consciência. São Paulo: Ed. 34, 2001.

Glissant, Edouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

Hall, Stuart. **Identidade cultural e Diáspora** in Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 24, 1996, 68.

Moura, Clóvis. **Dialética racial do Brasil negro**. São Paulo: Editora Anita Ltda, 1994.

Mukuna, Kazadi wa. **Contribuição bantu na música popular brasileira**. São Paulo: Global Editora, 1977.

Sodré, Muniz. **A verdade Seduzida**. Por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Codecri, 1983.